

A EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BRUSQUE NO PERÍODO DE 1990/2010

THE EVOLUTION OF FORMAL EMPLOYMENT IN BRUSQUE'S TEXTILE INDUSTRY IN THE PERIOD OF 1990 / 2010

Elizandra Petermann¹
José Álvaro de Lima Cardoso²

RESUMO: *O mercado de trabalho formal em Brusque sempre foi muito dinâmico, por ser o município grande produtor industrial, setor da economia que gera emprego e renda, além de estimular os segmentos do comércio e dos serviços. No entanto, a participação dos bens típicos da indústria de transformação na pauta exportadora brasileira tem diminuído, perdendo espaço para as commodities. A questão a ser analisada é até que ponto o processo de dificuldades na indústria têxtil vem afetando o comportamento do emprego formal no município de Brusque. A referida investigação será realizada por meio de levantamento bibliográfico sobre os temas envolvidos, como emprego, política macroeconômica e risco de desindustrialização. O setor têxtil, principal gerador de empregos na década de 1990, foi o que menos cresceu no período analisado por causa das medidas de governo que dispensa impostos estaduais para as empresas importadoras, o que estimula muito a entrada de produtos chineses. Um sintoma do fenômeno: Santa Catarina vem apresentando déficits na balança comercial desde 2009. Uma solução para que a crise da desindustrialização não atinja de forma devastadora Brusque, seria fazer investimentos pesados em inovação, pois isso aumenta a produtividade e agrega mais valor aos produtos. Assim como os chineses fazem com seus produtos, o estado deveria também dar preferência aos produtos regionais e nacionais e deixar nas prateleiras os produtos importados. Santa Catarina é um estado forte e se integrarmos com as novas tecnologias, todos os seus municípios terão mais chances de fazer crescer suas economias junto dos empregos que serão gerados.*

PALAVRAS-CHAVES: Emprego. Evolução. Desindustrialização. Câmbio. Governo.

ABSTRACT: *The formal labor market in Brusque always been very dynamic, because Brusque is a big industrial producer, sector of the economy that generates jobs and income, in addition to stimulating segments of trade and services. However, the involvement goods typical of the manufacturing industry in Brazilian exports have declined, losing ground to the commodities. The question examined is to what extent the process difficulties in Brusque's textile industry has affected the behavior of formal employment in the city. What will be accomplished through a literature review on the issues involved, such as employment, macroeconomic policy and risk for deindustrialisation. The sub sectors analyzed in the industry, mainly using the criterion of number of jobs created, had a percentage evolution of the employment in selected sectors for the past two decades. The textile sector, the main generator of employment in the 1990s, which was less increased in the analyzed period because of government measures that state tax exemption for companies that import much that stimulates the entry of Chinese products. A solution to the crisis of deindustrialization*

¹ Acadêmica de Ciências Contábeis (UNIFEBE). E-mail: elizandrapetermann@unifebe.edu.br

² Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). E-mail: zealvaro@dieese.org.br

doesn't affect so devastating Brusque would make heavy investments in innovation because it increases productivity and adds to differential products. Just as the Chinese do with their products, the state must also give preference to regional and national products and leave the shelves imported products, Santa Catarina is a strong state and if we integrate with the new Technologies the consequences of deindustrialization be understated. All cities of the state will have more chances to grow their economies along with the jobs that will be generated.

KEYWORDS: Employment. Evolution. Deindustrialization. Exchange. Government.

1 INTRODUÇÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil fechou 2012 com crescimento em torno de 1% em relação a 2011, totalizando R\$ 4.143 trilhões. O desempenho do PIB nos últimos dois anos (inferior a 2%) pode ser considerado extremamente modesto, bem abaixo das possibilidades da economia brasileira, considerando que a estimativa da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) é de que o Brasil só tenha crescido mais do que o Paraguai no ano passado, país que enfrentou uma forte seca e se encontra em recessão. Todos os nossos parceiros no MERCOSUL e no BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) vêm crescendo mais que o Brasil. O crescimento do PIB brasileiro foi bem menor que a da expansão média mundial em 2012, que segundo projeção do Fundo Monetário Internacional (FMI), alcançou 3,3%.

Se o crescimento do PIB brasileiro foi medíocre, as estimativas para a expansão da economia de Santa Catarina no ano passado são ainda mais pessimistas. A estimativa de uma determinada instituição financeira, por exemplo, aponta um crescimento para o PIB catarinense de apenas 2% em 2011 e 2% em 2012. A referida instituição registra que, em uma série histórica de 10 anos, o PIB catarinense expandiu menos que o brasileiro, em oito anos. O que é muito grave, considerando que, na década analisada, a própria economia brasileira cresceu pouco quando comparada com os demais países emergentes.

O fenômeno apontado é bastante complexo e difícil de ser analisado nas poucas linhas que dispomos neste artigo. No entanto, é certo que, aquilo que pode ser considerado uma virtude para qualquer economia - o fato de exportar produtos de maior valor agregado - é o que tem penalizado a economia catarinense, em termos de crescimento econômico. Há vários anos a pauta exportadora brasileira vem se “commoditizando”. A balança comercial brasileira encerrou 2012, com superávit (exportações menos importações) de US\$ 19,43 bilhões, pior resultado desde 2002, quando o saldo ficou em US\$ 13,1 bilhões. Esse resultado, em relação

ao ano anterior, quando o saldo atingiu US\$ 29,79 bilhões, significou uma queda de quase 35%. Mas, o grande problema é o déficit em produtos manufaturados que, somente em 2011, foi de US\$ 48,7 bilhões, 40,2% acima do déficit de 2010, quando o saldo ficou negativo em US\$ 34,8 bilhões. No ano passado, aproximadamente 91% das exportações brasileiras para a China foram *commodities*, ao passo que as importações brasileiras da China representam parcelas crescentes do consumo de manufaturados. Com o tempo, vem forjando-se uma crescente complementaridade entre as duas economias, que nada interessa ao Brasil, e que pode significar um preço muito alto no futuro.

Nesse contexto, o fato de Santa Catarina exportar produtos com maior valor agregado³ do que a média da exportação nacional, explica em boa parte o sofrível desempenho do crescimento no estado. A indústria foi o calcanhar de Aquiles da economia brasileira em 2011 e 2012⁴, decorrência das medidas macroprudenciais adotadas pelo governo para reduzir a inflação (que fizeram a economia desacelerar), do aumento do volume de importados que ingressou no país (em função da sobrevalorização cambial), da crise internacional e do fim do ciclo de aquisição de bens duráveis por parte da população. É bom lembrar também que uma parte dos principais países compradores dos produtos catarinenses, está numa crise econômica quase sem precedentes, desde 2007, como é o caso dos EUA, do Japão, e, especialmente, de quase toda a Europa. Santa Catarina, estado em que a indústria mais pesa na composição do PIB, sofreu diretamente os efeitos dessa crise na indústria, refletindo em seus municípios.

O Brasil não pode perder de vista que há uma guerra cambial em curso, na qual os EUA, a Zona do Euro e a China utilizam armas extremamente potentes, manipulando a taxa de câmbio, seja por meio de política monetária (como têm feito os EUA e os países da Zona do Euro) seja pela fixação da taxa de câmbio ao dólar, como faz a China desde sempre. O resultado dessa guerra tem sido a permanente valorização das moedas dos países emergentes, fragilizando a sua indústria.

Há uma carência generalizada de estudos acerca dos impactos do processo descrito acima no emprego industrial catarinense. Como se sabe, algumas empresas têxteis de Brusque vêm enfrentando sérias dificuldades para manter-se no mercado. Obviamente tais dificuldades estão relacionadas a uma gama ampla de fatores, mas também à valorização do real e à ausência de uma política industrial mais eficiente no país. É bastante relevante, portanto,

³ Em relação à pauta exportadora nacional, é claro, porque o principal produto exportado por Santa Catarina no ano passado foi frango inteiro.

⁴ Tirando 1992 e 2009, anos em que a economia brasileira apresentou recessão, a retração de 2,7% na indústria brasileira, verificada em 2012, foi o pior resultado da série histórica da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-IBGE), iniciada em 1992.

analisar a evolução do emprego industrial no município de Brusque, procurando detectar as devidas correlações entre esta evolução e a situação mais geral de sobrevalorização cambial e risco de desindustrialização no país. Tais resultados poderiam ser úteis tanto para a tomada de decisão ao nível local (empresários e prefeitura) quanto para subsidiar ações políticas nas esferas estadual e federal.

2 ESTAGNAÇÃO INDUSTRIAL E O PROBLEMA DO CÂMBIO

Os problemas do baixo crescimento e da estagnação industrial têm várias causas, mas a sobrevalorização do câmbio é central nesse debate. Entre janeiro de 2003 e fevereiro de 2012, a taxa real efetiva de câmbio da economia brasileira sofreu uma valorização de 37,32%. No mesmo período, a participação da indústria de transformação no PIB caiu de 18,01% para 14,59%.

Dentro dos marcos de um sistema de livre flutuação cambial, o governo vem forçando para evitar uma maior valorização do real. Já há certo tempo estabeleceu um piso implícito para a taxa de câmbio e o dólar vem se mantendo na faixa de R\$ 2,00 a R\$ 2,10, sinalizada como patamar mínimo, à custa das insistentes intervenções do BCB, que vem comprando a moeda mesmo quando o fluxo está negativo. O pior é que segundo os especialistas, a cotação na faixa de R\$ 2,00 ainda é insuficiente para permitir a redução dos preços de exportação e, ao mesmo tempo, garantir recuperação da margem de lucro dos exportadores. Pior do que um dólar baixo é uma cotação instável.

A decisão do governo parece ser a de preservar indústria de transformação, mesmo com o pesado custo de manter as reservas elevadas (posição em janeiro de 2013: US\$ 378,6 bilhões). O problema é que os juros brasileiros, fator de atração para capitais internacionais que acabam apreciando o real, apesar de ter atingido taxa mínima histórica em janeiro de 2013, continuam altíssimos para os padrões internacionais, enquanto para alguns países as taxas de juros reais são negativas. Sem contar que, no varejo, as “novas” taxas brasileiras, mesmo nos bancos públicos, superam os 50% ao ano para empresas, e, para pessoas físicas chegam a até 1,99% ao mês (no caso de financiamento de veículos), equivalente a 27% ao ano. Não é por acaso que, no primeiro trimestre de 2012, o lucro líquido dos maiores quatro bancos que atuam no país foram, novamente, elevadíssimos: o Itaú Unibanco registrou lucro líquido de R\$ 3,426 bilhões; o Bradesco encerrou o 1º trimestre de 2012, com lucro líquido de R\$ 2,79 bilhões; Santander R\$ 1,77 bilhões e o Banco do Brasil, o lucro líquido no 1º trimestre foi de R\$ 2,5 bilhões, em que pese o aumento significativo das provisões de crédito

de liquidação duvidosa. Esses níveis de lucratividade reduziram um pouco ao longo de 2012, graças à política de redução de juros do BCB, mas ainda estão entre os mais elevados do mundo.

Além disso, mesmo com as várias medidas que o governo tomou nos últimos anos para tentar inibir a entrada do capital estrangeiro especulativo no país (como o aumento do Imposto Sobre Operações Financeiras - IOF), continua intenso o fluxo de capitais para investimento direto no Brasil. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio de informação divulgada em 25/01/2013, o Brasil se transformou no quarto maior destino de investimentos do mundo em 2012, ano em que os chamados países emergentes receberam mais investimentos do que os países ricos. Como a crise nos países centrais continuará nos próximos anos, especialmente na Europa, esses capitais tendem a continuar vindo para o Brasil e demais países emergentes. Para termos uma ideia do tamanho do problema em 2012, a queda na taxa de investimentos nos países ricos chegou a 37%.

3 O CÂMBIO COMO REGULADOR

É esse fluxo de capital que mantém pressão sobre o câmbio e ajuda a financiar o déficit em conta corrente. Investimento externo direto, apesar de mais desejável que os capitais especulativos, significam, como se sabe, desnacionalização da economia, porque a maioria desse dinheiro vem para aquisição de empresas, mas com a contrapartida de remessa de lucros no futuro. Segundo informações divulgadas pela empresa de consultoria KPMG (em 14/01/13), as desnacionalizações de empresas brasileiras bateram um novo recorde em 2012. Recorde este que havia atingido em 2011 e 2010. Em 2012 foram 296 empresas nacionais que passaram para controle estrangeiro, acima das 208 de 2011, e das 175 de 2010. Isso significa que se aprofunda o processo de desnacionalização da economia brasileira, até por falta de alternativas de investimentos dos capitais, no mundo. A maioria das empresas compradoras tem sede nos EUA e nos demais países ricos.

É certo que, se o governo e o Banco Central do Brasil conseguem impedir que o câmbio real caia abaixo de um determinado nível, fica claro que a sobrevalorização da moeda não é um fenômeno inevitável. Seria possível fazer uma desvalorização administrada da taxa de câmbio⁵. De qualquer forma essa medida é impopular, já que a desvalorização da moeda significaria queda do salário real e risco de aumento da inflação. Mas não adianta criticar o

⁵ Ver artigo de José Luis Oreiro no Jornal Valor Econômico de 02 de maio de 2012: **Câmbio valorizado decorre de uma decisão do governo.**

“tsunami monetário” promovido pelos países desenvolvidos se o país não controlar adequadamente os próprios fluxos de capitais. Se fizer o que tem que ser feito, o Brasil tem como enfrentar a crise mundial e o problema da desindustrialização. Nesse enfrentamento, o país conta com alguns trunfos, com destaque para: 1) expansão do mercado interno via geração de empregos. O desemprego está em seu menor patamar da história; 2) melhoria dos indicadores das contas públicas; 3) redução da vulnerabilidade externa; 4) Temos neste ano uma taxa de câmbio melhor para a indústria; 5) a energia está custando mais barato para as famílias e empresas; 6) a taxa de juros reais está no seu menor patamar histórico; 7) situação mundial será melhor em 2013 do que foi em 2012.

4 O BRASIL CORRE O RISCO DE SE DESINDUSTRIALIZAR?

Não há consenso entre os estudiosos sobre se há ou não um processo de desindustrialização no Brasil. Mas existem algumas evidências do fenômeno consideravelmente fortes. Em 1940, a indústria representava 20% do PIB no Brasil; em 1985, esse número tinha crescido para 36%; no ano passado havia recuado para 15,3% e certamente continua caindo neste ano. As exportações de manufaturados, em quantidade, estão em declínio desde 2007, tendo sido, em 2011, 15% inferiores às daquele ano. No mesmo período, a quantidade das importações de manufaturados elevou-se em 59%.

Em 2012, 34% do aumento da demanda agregada foi atendido por importações, percentual que impressiona pela magnitude, mas, sobretudo pela velocidade com que se amplia. A produção industrial encontra-se, hoje, praticamente no mesmo patamar existente antes da crise de 2008. Na primeira metade de 2012, o comércio internacional dos produtos típicos da indústria de transformação teve déficit de US\$ 27,6 bilhões, recorde para o período. A balança comercial só continua superavitária devido ao intercâmbio de bens intensivos em recursos naturais, *commodities* agropecuárias, energéticas e minerais, cujas exportações chegaram a US\$ 49,3 bilhões no primeiro semestre de 2012. Senão são definitivos, esses dados apontam para um processo de desindustrialização no país.

Mas um país precisa mesmo de indústria? Por que não importar todos os produtos industriais que o Brasil necessita, da Ásia, que pretende ser a fábrica do mundo? Se os produtos industriais importados são mais baratos que os produzidos internamente qual a necessidade do país ter indústria? Bem, há alguns bons motivos para a defesa do setor industrial do país, dos quais listamos alguns:

- 1º) Não há registro na história, de nenhum país que tenha chegado ao desenvolvimento econômico e social, sem uma generalizada industrialização e um forte e ativo Estado Nacional. Mesmo economias que utilizaram mais as exportações de produtos primários para elevar a sua renda per capita (como Austrália e Canadá), antes atravessaram por períodos de elevada diversificação industrial, elemento essencial das suas estratégias de desenvolvimento;
- 2º) Existe uma relação empírica entre o grau de industrialização e a renda per capita, tanto nos países ricos, quanto nos países em desenvolvimento;
- 3º) Há uma associação estreita entre o crescimento do PIB e o crescimento da indústria manufatureira. A dinâmica da economia brasileira, neste momento, ilustra o fenômeno. O produto não está crescendo, em boa parte, porque a indústria de transformação está estagnada;
- 4º) A produtividade é mais dinâmica no setor industrial do que nos demais setores da economia, é o setor industrial que puxa o crescimento da produtividade da economia;
- 5º) O avanço tecnológico que se concentra no setor manufatureiro tende a se difundir para outros setores econômicos, como o de serviços ou mesmo a agricultura. Os bens com maior valor adicionado, produzidos pela indústria, incorporam e disseminam maior progresso técnico para o restante da economia.

O processo de desindustrialização no Brasil tem sido considerado precoce, porque ocorre em um estágio em que o nível de renda per capita é inferior ao que os países desenvolvidos tinham no início do processo de industrialização. Nos países desenvolvidos, que em alguns casos se desindustrializaram, a indústria nacional já cumpriu o seu papel no desenvolvimento econômico, colocando a renda per capita da população em elevado patamar. Ao se desindustrializar, o Brasil está perdendo a sua maior conquista econômica do século XX. Entre 1930 e 1980, a economia brasileira cresceu a elevadas taxas (6,8% entre 1932-1980) com base no chamado “processo de substituição de importações”, com fortes incentivos estatais à industrialização por meio das políticas cambial, tarifária e fiscal. Será que vamos colocar todo esse esforço a perder e regredir à economia primário-exportadora do século XIX?

Há que se considerar ainda que parte do processo que resulta em uma concorrência que destrói parte expressiva da produção industrial nacional decorre de um modelo macroeconômico que vem desde o início do Plano Real, em 1994, fora alguns pequenos interregnos de crises internas e externas, operando com taxas de câmbio bastante desfavoráveis à produção industrial no Brasil, como reflexo das elevadas taxas de juros praticadas no país e da liberalização financeira. Assim, a liberalização comercial associada à

liberalização financeira tem constituído um ambiente excessivamente hostil à produção industrial doméstica.

5 INVESTIMENTOS E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O desenvolvimento do Brasil não deve depender das exportações de *commodities*, pois isso nos torna diretamente dependentes dos centros de crescimento mundial. O que está acontecendo neste exato momento é ilustrativo do fenômeno: a crise global e a desaceleração do crescimento chinês estão derrubando o preço do minério de ferro e outras *commodities*, com importantes consequências sobre a balança comercial e a produção brasileira. É ilusão achar que vamos dar conta de gerar renda e milhões de empregos de qualidade para os brasileiros tendo como eixo dinâmico da economia as exportações de *commodities*.

A história mostra que todos os países que conseguiram um elevado grau de desenvolvimento não prescindiram da indústria. O Brasil, da mesma forma, se quiser alcançar padrões de desenvolvimento com distribuição de renda não pode prescindir de uma indústria forte e diversificada. Neste momento há muita discussão se o Brasil vive um processo de desindustrialização da sua economia ou não. Contudo, para além das polêmicas e controvérsias, convém observar que a política cambial adotada a partir do Plano Real, embora cumpra o papel de âncora dos preços, tem levado a uma perda crescente de competitividade internacional da indústria nacional.

Além disso, a taxa de juros, historicamente elevada, inibe o investimento produtivo. Para o empresário, muitas vezes é melhor viver de rendimentos do mercado financeiro que investir na produção. Poucos setores da economia industrial conseguem competir com a rentabilidade proporcionada pelos investimentos financeiros. Quando o empresário se defronta com uma taxa de juros como a Selic, só investe em última instância, quando não tem alternativa.

Por outro lado, o fluxo de investimento direto estrangeiro (IDE) cresceu em números absolutos nos últimos anos, fato que tem sido comemorado por muitos economistas. Mas a média anual do IDE na indústria, que girava em torno de US\$ 17 bilhões na década de 1980, caiu para apenas US\$ 8,5 bilhões entre 1996 e 2010. Ademais, como vimos anteriormente, esses investimentos representam, na prática, a desnacionalização da economia, porque a maioria desse dinheiro vem para aquisição de empresas (transferência de patrimônio), o que significa mais remessas de lucros no futuro. A desnacionalização da economia tem relação direta com o problema da perda de competitividade da indústria.

O cenário internacional segue com muitas incertezas. Vendo especialmente o que ocorre nos países desenvolvidos, é possível imaginar que teremos um longo período de crise mundial. Nesse contexto, essas economias, mais a China (que perdeu parte dos mercados que disputava) continuarão a desenvolver políticas cada vez mais agressivas no mercado internacional. Todos os países desejam exportar seus produtos industriais. Nessa acirrada disputa por mercados entre os países, EUA, Zona do Euro e China, cada um deles, usa como arma, políticas industriais explícitas ou veladas, apoiadas na manipulação de suas taxas de câmbio:

- Os EUA e a Zona do Euro utilizam suas políticas monetárias (inundam o mundo com moeda);
- A China fixa sua taxa de câmbio ao dólar;
- Isso leva a permanente valorização das moedas dos demais países emergentes, com grandes dificuldades para a produção industrial.

O enfrentamento desse imenso e complexo problema exige políticas vigorosas e inteligentes. É fundamental evitar fortes movimentos do câmbio, especialmente na direção da valorização do real. As taxas de juros têm que continuar baixando e confluir definitivamente para parâmetros internacionais. O Brasil também tem que estabelecer barreiras aos capitais não desejados. Além disso, o país tem que desenvolver um conjunto de políticas voltadas para o objetivo de expansão do mercado interno, que é o maior ativo que a economia de um país pode possuir. Por isso, é fundamental acelerar o processo de inclusão e de distribuição de renda.

6 O SURGIMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NA HISTÓRIA DE BRUSQUE

Depois que Itajaí foi elevado à categoria de Município, em abril de 1859, o Governo Imperial resolveu desenvolver a região. O início do povoamento do território que hoje constitui o Município de Brusque foi autorizado para a fundação da nova colônia à margem esquerda do rio Itajaí-Mirim. Em 4 de agosto de 1860, os primeiros 54 colonos alemães desembarcaram sob a chefia do Barão Schneeberg. A partir de 1861 foi intensa a imigração de italianos, contribuindo para o desenvolvimento da localidade. Anos depois, chegam os poloneses, trazendo seus teares manuais e inaugurando o ramo das indústrias têxteis como base da economia local.

Em fins do século XIX, o Município entrou na fase de desenvolvimento industrial. A fábrica de tecidos Renaux deu início à industrialização, fundada em 11 de março de 1892,

teve desenvolvimento devido aos imigrantes poloneses não possuírem experiência anterior ao sistema agrário, tendo experiência como tecelões, tornarem-se trabalhadores assalariados, sendo os primeiros a atuarem na indústria brusquense.

Até 1911 instalou-se a terceira empresa têxtil de Brusque. Assim, até início do século XX já estavam fazendo parte da história de Brusque, as três maiores indústrias do ramo têxtil: Renaux, Buettner e Schlösser. Essas empresas produziam artigos populares, que eram vendidos em toda região do Rio Itajaí-Mirim, que a, propósito, era utilizado como via fluvial de exportação dos produtos.

A indústria têxtil continuou crescendo, embalada inclusive, com o advento da Segunda Guerra Mundial, que destruiu empresas têxteis, especialmente da Europa. No período de Pós-Guerra a indústria têxtil continuou se beneficiando com a elevação de produtos industriais no mercado mundial. Com a ampliação dos setores industriais surgiu o setor metalúrgico, a partir de 1968, pois com a Guerra houve a proibição de importação de máquinas, sendo necessário o conserto das máquinas e elaboração de peças, surgindo assim, grandes empresas desse ramo.

Em 1980 surgiu mais uma inovação no setor industrial, o setor de malhas, tais como: tinturarias, lavanderias e, assim, começaram a surgir as micro, pequenas e médias empresas no município, gerando uma transformação econômica.

Com o passar dos tempos, a indústria deixou de ser a atividade principal e a prestação de serviços tornou-se uma alternativa interessante para os operários. A mão de obra começou a ficar cara e a quantidade começou a ser mais desejada que a qualidade. Como ocorre nos grandes centros do país, o município de Brusque começou a importar produtos, estando sujeito às consequências disso tanto as positivas quanto as negativas.

7 A INDÚSTRIA GERADORA DO EMPREGO E DA RENDA

Vale ressaltar que na década de 1990, a indústria teve um desempenho regular, pois enquanto a produção cresceu 1,25% ao ano, de 1990 até 1999, a queda nos empregos industriais foi em torno de 5,8% ao ano, ao acumular ano após ano no final de 1999, a queda do emprego formal na indústria chegou a 48,7% inferior ao apresentado em início de 1990.

Nessa época, o país enfrentou dificuldades ocasionadas pela grande crise internacional, com alíquotas menores para os produtos importados, e também pela valorização cambial do Plano Real. Para que as empresas continuassem no mercado de trabalho as inovações tecnológicas, planejamento e melhoria na qualidade passaram a fazer parte da política das empresas nacionais, gerando crescimento de produtividade.

Em 1999, a indústria de transformação representava 67% do emprego industrial, porém há uma grande diferença na qualidade dos empregos nos diferentes setores da indústria, começando pela remuneração nos quais os valores mais elevados pertencem à extrativa mineral e os menores na área da construção civil. No aspecto salarial a indústria de transformação fica em nível intermediário.

Segundo dados do DIEESE, em 1998 devido à estagnação da economia o índice de desemprego aumentou de 15,7% para 18,2% e, até mais ou menos 2002, a economia a taxa de desemprego continuou em elevação e cresceram as outras mazelas do mercado de trabalho como a precariedade, a informalidade e o arrocho de salários.

Com a entrada do século XXI, o conceito de qualificação profissional subiu, e muitos buscaram por aumentar seu nível de escolaridade, procurando remunerações e cargos melhores, pois a proposta do século era de que quanto maior o grau de escolaridade, maior era a chance de obter um bom cargo no emprego e mais desejável era o salário.

8 EVOLUÇÃO DO EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA TÊXTIL DE BRUSQUE NO PERÍODO 1990/2010

O conceito de trabalho formal pode ser tratado como aquele trabalho que é composto por ocupação assalariada regulamentada de acordo com a legislação ou um estatuto. Ou seja, vamos tratar, na análise a seguir, do trabalho de carteira assinada. Apesar de a importância do trabalho informal para a movimentação econômica de qualquer município, não faremos a sua análise. A tarefa requereria esforço e tempo muito maiores, já que o trabalho informal é, por definição, sem registro. Isso significa que para uma análise consistente deste segmento do mercado de trabalho, teríamos que realizar pesquisa primária, para a qual não dispomos de recursos financeiros e de tempo.

Conforme a Tabela 1 revela a evolução do emprego em Brusque, no período 1990/2010 foi bastante vigorosa, com elevação de 162%, equivalente a uma variação de 8% anuais. A evolução do emprego no período foi diferenciada nos grandes setores, e o melhor desempenho em termos percentuais foi o de Serviços industriais de utilidade pública (564%), apesar de sua pouca representatividade em termos absolutos.

A indústria de transformação, setor que representa mais da metade do emprego no município, cresceu abaixo da média, 128% no período, quando a média do município foi de 162%, como vimos. Mesmo mantendo a condição de “campeão de empregos” em Brusque, o Setor Industrial, no período em tela, só gerou mais empregos (em termos relativos), do que a

Administração Pública do município. Chama muito a atenção também o crescimento do emprego na Construção Civil (352%) e no Comércio (300%).

Por conta dessa evolução, a indústria de transformação que representava em 1990, 63% do emprego gerado no conjunto dos setores, passou a representar, em 2010, 55%. Isto é, apesar de a ampla hegemonia do emprego industrial no município, ele perdeu importância, em termos relativos, no período em questão.

Tabela 1 - Emprego Formal Nos Grandes Setores Industriais de Brusque

Grandes setores	Número de empregos em 1990	Números de empregos em 2010	Variação
Indústria de transformação	11.063	25.274	128%
Serviços Industriais de utilidade pública	45	299	564%
Construção Civil	297	1.343	352%
Comércio	2.282	9.139	300%
Prestação de Serviços	2.878	7.983	177%
Administração Pública	923	1.796	95%
Total	17.488	45.834	162%

Fonte: RAIZ

Se o emprego formal na indústria de transformação cresceu 128% entre 1990 e 2010, a evolução foi diferenciada entre os seus vários setores. O emprego no Setor Químico foi o que mais cresceu percentualmente, ainda que não tenha quase peso em número de empregos. O emprego na área de Metalurgia (incluindo Metalurgia, Mecânica e Material Elétrico) também cresceu significativamente: em 1990, esses três segmentos representavam 9,3% do emprego industrial, percentual que se eleva para 13,50% em 2010.

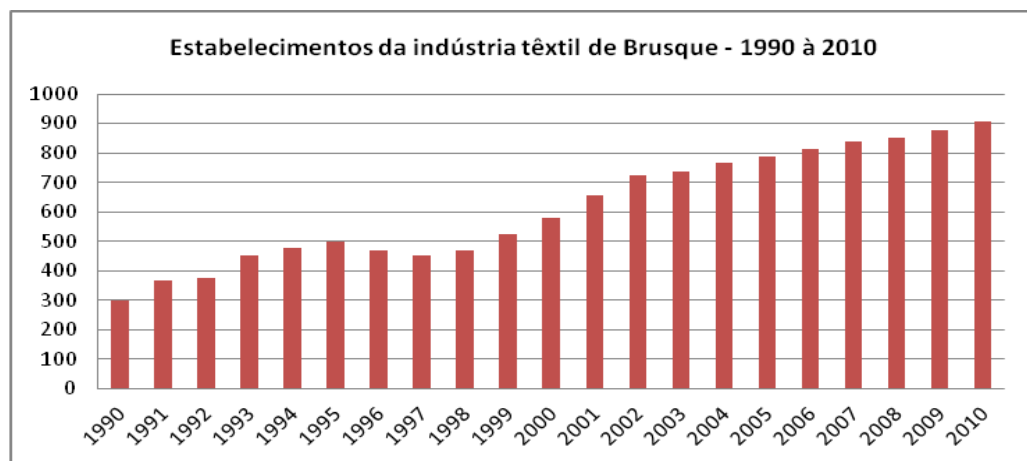
O emprego têxtil continuou muito representativo do emprego industrial de Brusque, 71% em 2010, porém 10 pontos percentuais abaixo do que representava em 1990, praticamente 81%. Com exceção do setor de Madeira e Mobiliário (que não tem nenhum peso em Brusque), o Setor Têxtil foi o que menos cresceu no período analisado.

Em outras palavras, o emprego no setor têxtil em Brusque continua sendo extremamente representativo, sendo com folga o subsetor da economia municipal que mais gera empregos. O que estamos chamando a atenção, no entanto, é que o subsetor vem perdendo espaço relativo, seja para outros subsetores da indústria de transformação, seja para os setores do Comércio, Serviços e Construção Civil. O fenômeno, em si, não é

necessariamente negativo, pois a perda de representação do setor pode significar uma maior diversificação da indústria de transformação, o que é importante para o município e o estado. O crescimento do setor químico no período analisado, por exemplo, possivelmente melhorou as condições de fornecimento desse setor para o restante da indústria e isso é positivo para a economia local.

Conforme o gráfico 1, os empresários não deixaram de investir na indústria têxtil, mesmo com outras opções de setores, e sua evolução foi positiva, salvo os anos de 1996, 1997 e 1998. No ano de 1990 havia 298 estabelecimentos que produziam produtos têxteis. Até no ano de 1995, esses estabelecimentos somavam 497. A partir daí houve uma queda, e no ano de 1997 eram 453 estabelecimentos; no ano de 1996 e 1998 eram 467 estabelecimentos. No ano 1999 houve uma melhora nos indicadores, e o estabelecimento da indústria têxtil chegou a 523.

Gráfico 1 – Estabelecimentos da indústria têxtil de Brusque – 1990 a 2010



Fonte: RAIS

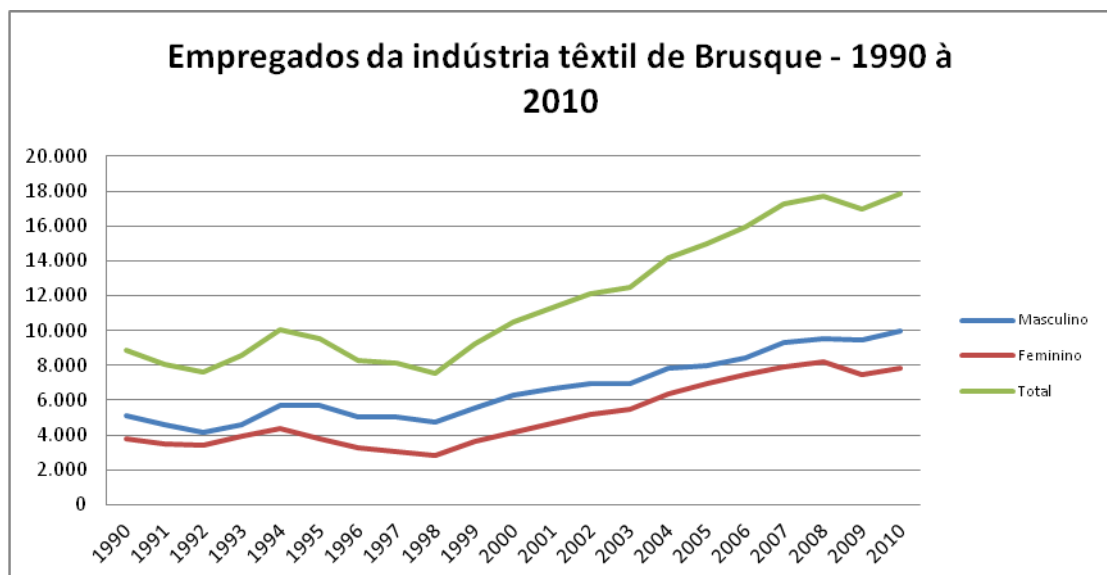
Desde o ano de 1999, o número de estabelecimentos têxtil cresceu ano após ano, chegando a 2010, com 907 estabelecimentos. Esse crescimento acompanhou o cenário nacional. Entre 2003 e 2010, o número de estabelecimentos têxteis no Brasil subiu 17,6%. Em 2010, esse segmento de indústria bateu recorde quando a produção nacional de têxteis chegou a 2,24 milhões de toneladas.

Por outro lado, a concentração no setor têxtil e a ampla hegemonia em números de trabalhadores no setor, no conjunto da população ocupada do município, não deixavam também de ser um problema. Se o setor tinha dificuldades, a economia local e os empregos eram seriamente atingidos, como ocorreu na década de 1990, durante a chamada

reestruturação produtiva da economia catarinense⁶, que ceifou empregos e colocou as regiões industriais do estado numa situação extremamente complicada. Portanto, a diversificação do emprego industrial tem também os seus aspectos positivos.

O gráfico 2 mostra o número de empregados da indústria têxtil de Brusque, nos anos de 1990 a 2010. No ano de 1990 eram 8.848 empregados. Destes 5.083 homens e 3.765 mulheres. No processo têxtil as funções de trabalho podem ser exercidas tanto por homens quanto por mulheres, no entanto, geralmente os homens ocupam a posição de tecelão, e as mulheres de costureiras.

Gráfico 2 - Empregados da indústria têxtil de Brusque – 1990 a 2010



Fonte: RAIS

No período que abrange os anos de 1991, 1992 e 1993 houve uma queda no número de empregados chegando ao número de 7.629. Em 1994, o número já era de 10.067. De 1995 a 1998 houve uma queda, chegando a 7.545 empregados em 1998, número mínimo de empregados de todo período analisado. Em 1999 houve um processo de retomada do emprego e, em 2010, eram 17.846 trabalhadores empregados.

Várias explicações contribuem para as quedas do número de empregados neste setor industrial. Na década de 1990 passamos por baixo crescimento econômico, abertura comercial e financeira desregulada e taxas de juros muito altas em âmbito nacional. Nesse período, Brusque recebeu inovações tecnológicas no ramo têxtil. Teares maquinetas eram substituídos

⁶ Sobre esse assunto ver o livro Reestruturação Produtiva e Emprego: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina, 2004.

por teares de pinça. A máquina de costura industrial substituiu a máquina convencional, o que significou substituição da mão de obra pela máquina, eliminando empregos e reduzindo custos salariais.

Após uma década, com altos e baixos para os empregados na indústria têxtil de Brusque, o ano de 1999 a 2010, salvo 2009, teve um crescimento vigoroso. A economia cresceu junto da população brusquense. Aumentou o consumo de produtos no município e, conseqüentemente, a demanda por mão de obra. Diferente dos anos 1990, a qualificação profissional em 2000 aumentou o nível de escolaridade, melhorando a qualidade do emprego e da renda. Nesse período, o trabalhador buscou a formalidade do seu emprego intensamente, pois são vários os benefícios propiciados pela carteira de trabalho assinada.

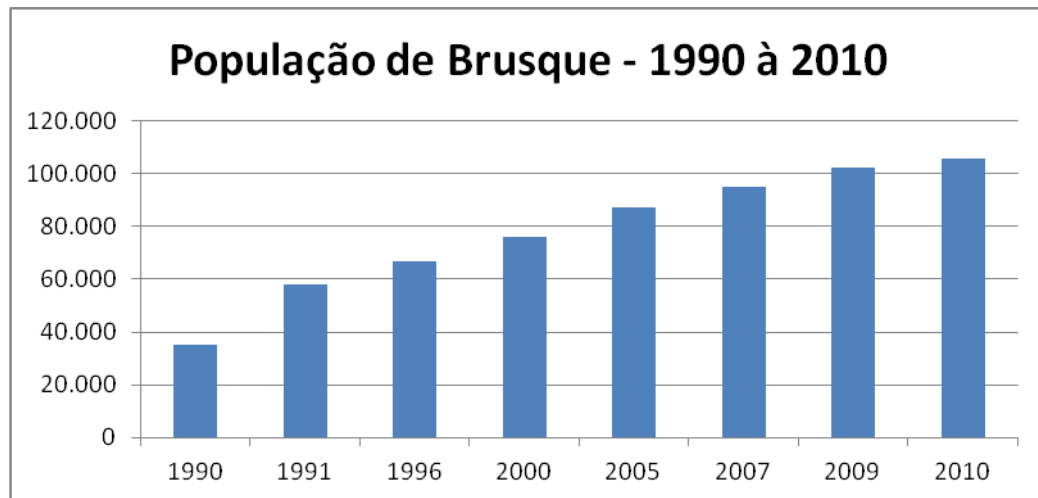
As mudanças após 1999, com a desvalorização do real, provocaram maior competitividade externa e aumento nas exportações aumentando a produção interna. Outra causa da elevação desses números foi a intensa fiscalização no município que passou a combater as fraudes e incentivou a formalização dos trabalhadores.

No entanto, talvez, mais preocupante que a perda relativa do emprego têxtil seja a diminuição (também relativa) do emprego industrial em Brusque. Isso porque, conforme assinalamos, existe uma relação direta entre industrialização e nível de renda per capita da população, a produtividade é maior no setor industrial do que nos demais setores da economia, e, ademais, os avanços tecnológicos verificados no setor manufatureiro tendem a se disseminar para outros setores econômicos, especialmente serviços e agricultura. Certamente, Brusque não seria a 11ª em arrecadação de ICMS no estado, e nem o Vale do Itajaí responderia por 23% da arrecadação deste mesmo tributo, não fosse o valor agregado gerado pela indústria⁷.

9 DESENVOLVIMENTO POPULACIONAL EM BRUSQUE

O crescimento populacional contribuiu muito para a evolução do emprego. No ano de 1990, a população brusquense era de 35.279 habitantes. Conforme o gráfico 3, a população cresceu 149,53% no período analisado, alcançando o número de 105.503 habitantes em 2010.

⁷ Ver Santa Catarina em Dados – 2012, FIESC.

Gráfico 3 População de Brusque – 1990 a 2010

Fonte: RAIS

O processo migratório recebido por Brusque, nesse período, contribuiu muito para este crescimento na população. Os trabalhadores foram atraídos pelas boas condições de emprego e pelo sonho de uma vida melhor. Este processo ajudou no desenvolvimento econômico e social da cidade. Na década de 1990 houve um intenso fluxo de pessoas vindas do Paraná que, em sua maioria, saiu da zona rural para ofertar sua mão de obra na indústria brusquense, já que no seu estado de origem as condições financeiras eram precárias e não recebiam incentivos do governo para investir na lavoura. A migração foi uma ótima opção para melhorar a renda familiar.

A partir de 2000 foi a vez dos nordestinos tentarem a sorte na cidade. Vindos, a maioria da Bahia, os migrantes sentiram que Brusque tinha grande oferta de mão de obra e que atraía investimentos de grandes indústrias. A cultura de povo trabalhador e de qualidade fez crescer ainda mais a economia.

10 SETOR TÊXTIL: PERCALÇOS E COMPORTAMENTO RECENTE

O setor têxtil em Brusque é grande gerador de empregos, como vimos. Pelos dados da RAIS em 2010, o setor respondia por quase 18.000 empregos formais num total de quase 46.000 empregos de carteira assinada no município. Portanto, o comportamento do setor é crucial para a renda e a geração de empregos no município. Atualmente, não obstante a perda relativa de emprego no setor está havendo uma retomada no setor produtivo, as empresas estão contratando. Há inclusive, uma carência de mão de obra no setor, já que o estado

enfrenta, em algumas regiões, uma situação que alguns economistas classificam como de “pleno emprego”⁸.

Algumas empresas enfrentam dificuldades, especialmente as mais tradicionais, pois, além dos problemas de caráter macroeconômico, essas empresas enfrentam problemas de relacionamento entre os gestores, sucessão familiar, má administração, falta de qualificação dos administradores e questões do tipo. Muitas vezes a má gestão levou à perda do crédito e à obsolescência do maquinário, afetando a qualidade do produto. Em algumas empresas a má administração levou a problemas em cascata: falta de capital de giro, endividamento bancário, redução do quadro de funcionários, falta de matéria-prima e a falta de investimentos.

Durante muito tempo os principais gestores, em algumas empresas, só retiravam para o seu patrimônio pessoal, praticamente deixando de investir na produção. Um exemplo é a tradicional Buettner, que entrou com um pedido de recuperação judicial em 2011. A Schlösser, outra empresa centenária, tem dívidas trabalhistas e, somente com a entidade sindical dos trabalhadores, tem dívida de R\$ 12,5 milhões.

Ao que tudo indica, a perda de representatividade do emprego têxtil em Brusque está relacionada, dentre outros fatores, ao aumento do volume dos produtos importados, o que tem pautado, inclusive, a intervenção política do prefeito e da sociedade, por meio de audiências públicas, reuniões, várias idas de empresários à Brasília, formação de frentes parlamentares. O objetivo de tais iniciativas é provocar ações de incentivo do setor têxtil brasileiro, e da indústria como um todo. Segundo o atual prefeito de Brusque, hoje, é muito mais barato para o consumidor, e também para alguns empresários que estão envolvidos no ramo, buscar mercadorias da China e vender aqui. Isso aumentaria, segundo a visão do prefeito, a margem de lucro e o consumidor paga menos.

Em Santa Catarina, além da agressividade da indústria chinesa, segundo o atual prefeito, temos o agravante que é a dispensa de impostos estaduais para as empresas que importam, o que estimula muito as importações. O prefeito admite que o problema é de difícil solução, pois não se trata apenas de barrar os produtos chineses, visto que a China é um grande parceiro comercial do Brasil, respondendo por boa parte do superávit comercial brasileiro. Se o Brasil impedir a entrada dos produtos industriais da China, terá retaliação na Organização Mundial do Comércio (OMC) e certamente aquele país irá barrar os produtos primários que importa do Brasil, como grãos, carnes, minério de ferro.

⁸ Este debate é polêmico. Mas, o fato dele existir, por si só, revela a excepcional situação do mercado de trabalho no Brasil e no estado.

Atualmente, em Brusque não se produz o algodão, mas o restante de toda a cadeia têxtil é realizado na cidade: o município elabora o fio, faz o tecido, a malha, o tingimento e produz a moda. Toda essa cadeia produtiva está presente em Brusque. Com os reflexos na indústria, de acordo com as propostas dos candidatos municipais em 2012, a ideia não é levantar a indústria têxtil brusquense, mas sim investir pesado no turismo. As propostas são de criar mecanismos e buscar novos meios e nova geração de emprego.

De acordo com o prefeito⁹, a economia de Brusque está construída sobre três pilares: o pilar têxtil, o pilar metal mecânico e o pilar da prestação de serviços e da pronta entrega. O Projeto Brusque quer colocar outro pilar de desenvolvimento econômico na cidade, que é o da tecnologia e inovação, que incentiva a educação, ciência e tecnologia. Nessa área estão sendo criadas 1.200 vagas de emprego por ano, a partir de 2012.

O Município de Brusque tem uma grande vantagem com relação ao emprego porque tem diversidades de setores, o que atrai vários trabalhadores e investidores. A diminuição da indústria têxtil contribui para essa diversidade, pois foi preciso criar alternativas para o sustento. Na indústria até a década de 1990, a modernidade e a tecnologia não apresentavam nível acentuado de aplicação na indústria brusquense. Onde um determinado setor demandava certo número de empregados para realizar tal tarefa, a partir da década de 1990, a tecnologia de uma forma geral, e os novos conceitos de gestão, passaram a diminuir a necessidade de mão de obra ano após ano. Os sindicatos também estão se mobilizando para frear a entrada de produtos importados no país e, como consequência, diminuir o número de demissões. Segundo o governo municipal, os produtos importados não devem ser vistos como “inimigos”, e sim como concorrentes.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução do emprego formal em Brusque, entre 1990 a 2010, foi diretamente influenciada pelas opções macroeconômicas dos governos. Os problemas observados decorrem de um conjunto de ações do governo federal, estadual e municipal, além da própria conjuntura internacional, que apresenta desafios imensos. Todas as regiões e setores econômicos são afetados, de um jeito ou de outro. Mesmo com a forte influência da crise mundial, que afeta todos os países, o Brasil vive uma situação inédita em sua história, em termos de oferta de empregos. Esse fenômeno nacional se verifica com muita força no mercado de trabalho e na economia de Brusque. Muitos investidores são atraídos para o

⁹ Entrevista concedida à aluna de Ciências Contábeis da Unifebe, Luana Haiderschaidt, em julho de 2011.

município pela diversidade de setores econômicos e pela disponibilidade de mão de obra, de razoável qualidade, que o município dispõe.

O risco de desindustrialização no Brasil existe e boa parte do seu enfrentamento passa por ações na esfera macroeconômica, isto é, depende do Governo Federal. Outro conjunto de medidas depende também dos governos estadual e municipal. No âmbito das empresas, no entanto, várias ações podem ser desenvolvidas. Listamos algumas abaixo:

a) É fundamental investir em inovação, mesmo com todas as limitações. Inovar constantemente, mesmo que em coisas simples, é vital para as empresas;

b) Outro aspecto que tem que dar atenção é para a linha de produtos da fábrica, verificar se são necessárias tantas linhas e tantos tipos de produtos. As empresas devem focar os seus esforços naquelas linhas que são mais rentáveis. Em alguns casos, deve-se fazer uma mudança radical na lista de produtos fabricados. E isso pode significar também rever seus parques industriais;

c) É muito importante igualmente melhorar a gestão das empresas. Observa-se que, na maioria delas a gestão é extremamente precária, a informação não flui, há uma elevada rotatividade da força de trabalho. A maioria das empresas, inclusive, não utiliza o planejamento estratégico em seu cotidiano. Muitas vezes, a estratégia empresarial se encontra exclusivamente na “cabeça” do proprietário da fábrica, com grande centralização das reflexões e das ações na empresa. Conforme mencionou o atual prefeito de Brusque, na citada entrevista, as empresas privadas cobram muito do poder público nesta área de planejamento, mas esse instrumento de organização e de orientação é também pouco utilizado no setor privado;

d) Além de exigir as medidas cabíveis por parte do Estado, as empresas têm que aproveitar essa crise como uma oportunidade, fazendo uma mudança de atitude. Isso passa, por exemplo, por participar das ações políticas convocadas pelas entidades da classe empresarial. Muitos empresários, ao mesmo tempo em que apontam permanentemente a inoperância do setor público, quando convocados para uma ação política mais geral, simplesmente não participam;

e) As empresas precisam aumentar seus esforços para qualificação do trabalhador. Por exemplo, no setor têxtil, antigamente as empresas investiam permanente em qualificação. Havia sempre alguém do lado do profissional mais experiente aprendendo o ofício: tinha o ajudante do tecelão, o ajudante do fiandeiro, o auxiliar do tintureiro, sempre aprendendo. Atualmente, em função da demanda, o que as empresas exigem é que o trabalhador chegue e

comece a trabalhar. O empresário investe mais em máquinas e tecnologia, e as exigências de qualificação são um pré-requisito da contratação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. G. de. **Desindustrialização**. Disponível em: <http://www.brasileconomico.com.br/noticias/desindustrializacao_87018.html 2010>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- ALONSO, J. A. F. e BANDEIRA, P. S. A “**desindustrialização**” de Porto Alegre: causas e perspectivas. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 9(1):3-28, 1988.
- BACHA, E.** Relativizando a industrialização. Disponível em: <<http://www.imil.org.br/artigos/relativizando-desindustrializacao/>> 12/12/2011. Acesso em: 05 jan. 2012.
- BARROS, L. C. M. de. A questão da desindustrialização. *Valor Econômico*, 20/06/2011(a).
BAUMOL, W.J. Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis. *American Economic Review*, v. 57, p. 415-426, 1967.
- BERTANI, M. **Especialistas alertam para o risco da desindustrialização do país**. Disponível em http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id_secao=113&id_noticia=169212, 22/11/2011. Acesso em 05 jan. 2012.
- BONELLI, R. e PESSOA, S. Desindustrialização no Brasil: Um resumo da evidência. *IBRE/FGV Texto para discussão* n°7, março de 2010.
- CAMPOS, J. J. C. de. **Processo de abertura econômica, competitividade e reestruturação produtiva na indústria têxtil brasileira: uma análise comparativa das regiões nordeste e sul (1985 – 1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Economia) – CME/UFPB, João Pessoa, 2000.
- CANO, W. Industrialização, desindustrialização e políticas de desenvolvimento. *Revista FAAC*, Bauru, v. 1, n°2, p. 155-164, out. 2001/mar. 2012.
- CARVALHO, M. A. de. Exportações agrícolas e desindustrialização: uma contribuição ao debate. *Anais XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – SOBER*, Fortaleza, 23 a 27 de julho de 2006.
- COUTINHO, L. G. e FERRAZ, J. C. (Coordenadores) **Estudos de competitividade da indústria brasileira**. Campinas, São Paulo: Papiturs, 1995.
- CRUZ, B. O. e SANTOS, Y. R. S. Dinâmica do emprego industrial no Brasil entre 1990 e 2009: uma visão regional da desindustrialização. *Texto para discussão IPEA* n°1673, Rio de Janeiro – RJ, novembro de 2011.
- DIEESE, Desindustrialização: conceito e a situação do Brasil. In: DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *Nota Técnica* n°100 – junho de 2011.

GONÇALVES, J. S. Reprimarização ou desindustrialização da Economia Brasileira: uma leitura a partir das exportações para o período 1997-2010. **Análises e Indicadores do Agronegócio**. V.6, n.12, dezembro, 2011. Disponível em: <<http://.iea.sp.gov.br>> Acesso em: 05 jan. 2012.

GUIMARÃES, E. **A desindustrialização do Brasil**. Disponível em: <<http://www.blogcidadania.com.br/2011/04/a-desindustrializacao-do-brasil/>> (04/2011) Acesso em 05 jan. 2012.

JENSEN, J. Há desindustrialização no Brasil. **Valor Econômico**, 29/11/2011.

KLIASS, P. **A polêmica atual sobre a desindustrialização**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4762 27/08/2010>. Acesso em: 05 jan. 2012.

KRUGMAN, P. Domestic distortions and desindustrialization hypothesis. [s.l.:s.n.], 1996 (NBER Working Paper, nº 5.473).

KUBRUSLY, L. S. Um procedimento para calcular índices a partir de uma base de dados multivariados. **Revista Pesquisa Operacional**, vol. 21, nº 1, p. 107-117, junho de 2001.

NAKANE, M. e PESSOA, S. A estabilização incompleta. **Valor Econômico**, 14/06/2011.

NAKAHODO, S. N. e JANK, M.S. A falácia da “doença holandesa” no Brasil. Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais – ICONE. **Documento de Pesquisa**, São Paulo, Março de 2006.

NASSIF, A. Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Revista de Economia Política** 28, nº1 (109), pp. 72-96, janeiro/março 2008.

OREIRO, J. L. **Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro**. Disponível em: <www.bresserpereira.org.br> (2009). Acesso em: 05 jan. 2012.

PADUA, R. F. de. Refletindo sobre a desindustrialização em São Paulo. **Confins [Online]**, 7 (2009), posto online em 31 Outubro 2009, Consultado o 06 Janeiro 2012. URL : <http://confins.revues.org/6125> ; DOI : 10.4000/confins.6125

PAULA, G. M. **Desempenho da cadeia de valor metal mecânica latina americana**. Fundação Centro de Estudos do Comércio e Exportação - FUNCEX, setembro de 2011.

PEREIRA, L. C. B. **Brasil vive desindustrialização**. Disponível em <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/colunas/luiz-carlos-bresser-pereira/brasil-vive-desindustrializacao> (2011).. Acesso em: 05 jan. 2012.

POCHMANN, M. A nova desindustrialização. **Valor Econômico**, 09/06/2011 (a). Política industrial vai tentar barrar desindustrialização. Disponível em <<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=politica-industrial-barrar-desindustrializacao&id=020175110802> 02/08/2011> Acesso em: 05 jan. 2012.

PRATES, M. C. R. Radiografia do emprego formal no Brasil a partir da RAIS. **Texto para discussão FGV/CEEG**, nº 10; abril, 1997.

REZENDE, F. A. E. de e SANTOS, F. Desindustrialização, rearranjo industrial e desemprego no Brasil: O caso do ABC paulista. **Iniciação Científica** – Revista Eletrônica, ago. 2007, Ano 1, nº1, 31-34.

SANTOS, J. M. **Os efeitos da reestruturação operacional sobre a qualidade do trabalho no setor supermercadista brasileiro**. 2008. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB. (2008).

SCATOLIN, F. D.; CRUZ, M. J. V. da; PORCILE, G. Desindustrialização? **Economia & Tecnologia** – Ano 2, vol. 05 – Abr./Jun. de 2006.

SHAFIYEDDIN, S. M. Trade liberalization and economic reform in developing countries: structural change or desindustrialization? 2005 (**UNCTAD Paper**, nº179).

SONAGLIO, C. M.; ZAMBERLAN, C. O.; LIMA, J.E. de; CAMPOS, A. C. Evidências de desindustrialização no Brasil: uma análise com dados em painel. **Economia Aplicada**, v. 14, nº 4, pp. 347-372, 2010(b).

TAVARES, M. da C. **O perigo de desindustrialização**. Valor Econômico, 05/01/2011.